

Quem está falando no texto? Um relato de experiência

Daniely Lopes Campos¹
Edvânia Gomes da Silva
Fabiana Morais da Hora
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

O objetivo deste trabalho é fazer um relato sobre o minicurso “Quem está falando no texto?”, que está inserido no contexto do projeto (RE) pensando o ensino de português, coordenado pela Prof^a Angela Dionisio durante o segundo semestre de 2000, na disciplina de Prática de Ensino de Português 1. O tema da interação entre discursos tem uma grande relevância no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, pois de acordo com os PCNs (1998:21), “ todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos.”

Este trabalho, que está inserido no contexto do projeto (RE) pensando o ensino de português, coordenado pela Prof^a Angela Dionisio durante o segundo semestre de 2000, na disciplina de Prática de Ensino de Português 1, tem como principal objetivo fazer um relato sobre o que foi o minicurso “Quem está falando no texto?”¹, observando as contribuições deste minicurso na formação profissional dos alunos do curso de Letras. O minicurso (6 horas) foi realizado nos dias 13 e 14 de dezembro de 2000, durante o “I Encontro de Estudos Lingüísticos da UFPE” e teve como público-alvo professores do Ensino Fundamental e Médio, assim como alunos da Graduação e da Pós-Graduação em Letras.

Neste artigo, para que possamos compreender melhor como foi elaborado e organizado o minicurso *Quem está falando no texto?*, apresentaremos, na seção *Os primeiros passos: alguns pressupostos teóricos*, as principais obras que nortearam nosso posicionamento teórico. Depois, na seção *A elaboração dos planos de aula*, explicaremos como organizamos cada um dos tópicos que foram trabalhados durante o minicurso. Na seção *Análise das atividades propostas*, mostraremos alguns dos exercícios que foram realizadas durante o evento, analisando o objetivo e o resultado alcançado em cada um deles. Na conclusão, pontuaremos os aspectos considerados mais relevantes do ponto de vista teórico e prático. Esperamos que este relato possa auxiliar, de alguma forma, aqueles que desejam aplicar as teorias aqui apresentadas à sua sala de aula, bem como, aqueles que, mesmo trabalhando outros conteúdos, desejam tornar suas aulas mais participativas e produtivas.

1. Os primeiros passos: alguns pressupostos teóricos

A primeira atitude do grupo foi reunir o maior número possível de fundamentação teórica para o trabalho. Como o nosso minicurso tinha como principal objetivo

¹ Trabalho realizado na disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa I, ministrada por Angela Dionisio.

¹ Participaram da elaboração e realização deste minicurso: Ana Paula Gouveia, Cláudia Virginia Freitas, Daniely Lopes Campos, Edvânia Gomes da Silva, Fabiana Morais da Hora e Lizane Prudêncio de Freitas.

refletir sobre a importância das diferentes “vozes” presentes no texto para o ensino do português, estabelecemos como nossa primeira fonte bibliográfica Bakhtin (1997,1998). Segundo o autor, “em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (Bakhtin, 1988:88). Dessa forma, estudar as vozes do texto é analisar a relação existente entre os diversos “falares” que nos rodeiam, buscando compreender e explicar as diferentes formas de introdução do discurso de outrem. Além disso, cada vez que retomamos o discurso alheio, reformulamos este discurso com nossas próprias palavras e, por isso, todo processo de representação do discurso alheio é um processo de retomada-modificação.

A idéia de fazer um minicurso sobre este tema surgiu da constatação de que um dos motivos que atrapalha o desenvolvimento da leitura proficiente nos alunos do ensino médio e fundamental é a falta de conhecimento sobre o fenômeno da interação entre discursos. Isso porque os manuais didáticos limitam-se a fornecer ao aluno algumas regras gramaticais a respeito da diferença entre discurso direto e discurso indireto. Porém, segundo Cunha (2000 :5), “o fenômeno da interação entre discursos não se esgota nos modelos gramaticais”, afinal, a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Esse dialogismo estudado por Bakhtin é o que alguns teórico s (Authier-Revuz, 1990; Mainguenu, 1997) chamam de *heterogeneidade discursiva*. Isso significa que todo discurso é perpassado por outros discursos que o rodeiam e que dialogam com ele num contínuo hibridismo dialógico. A heterogeneidade presente no discurso pode ser (I) mostrada marcada, isto é, ela pode ser facilmente percebida na superfície do discurso. É o que ocorre no uso das aspas, nas citações, nos comentários metadiscursivos. Além disso, essa heterogeneidade também pode ser (II) mostrada não marcada, ou seja, a voz do locutor pode se misturar a do outro sem deixar marcas facilmente perceptíveis, como ocorre, por exemplo, no caso do discurso indireto livre.

Assim, quando estudamos a interação entre discursos, precisamos observar o que o falante/escritor faz com a palavra do outro. Esse tema tem uma grande relevância no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que, de acordo com os PCN (1998:21), “todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos”.

Além disso, discutir sobre as diferentes formas de introdução da voz do outro e sua contribuição no processo de ensino/aprendizagem é uma forma de unir o conhecimento teórico com a prática pedagógica. E é essa relação entre a teoria e a prática que tem sido “negligenciada” nos nossos cursos de Letras. Ou seja, “a pouca frequência (quando não ausência) do conhecimento de pesquisa sobre ensino-aprendizagem na área da linguagem leva os professores egressos a não encontrarem saídas para sua prática cotidiana com base no conhecimento teórico que vêm na universidade” (Reinaldo, 2001:2).

Nessas discussões, além da leitura de textos relacionados à formação profissional de professores de língua portuguesa, como por exemplo os PCN, refletimos sobre o papel do educador enquanto mediador que tem por função “planejar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de

ação e reflexão do aluno (...)" (PCN de Língua Portuguesa, 1998:22). Nessa perspectiva, "descobrimos" que, através de atividades e de discussões pedagógicas, é possível transformar as salas de aula, fazendo com que elas deixem de ser um ambiente de "tortura" para os alunos e passem a funcionar como um lugar que favoreça a aprendizagem e estimule o senso crítico. Assim, a partir de discussões teóricas e da observação de algumas aulas de língua portuguesa no Ensino Fundamental e Médio, estabelecemos, em nossa turma de Prática de Ensino de Português I, alguns temas que consideramos de grande relevância para a formação profissional dos professores de língua portuguesa. O estudo sobre as vozes do discurso foi um deles.

2. A elaboração dos planos de aula

O grande problema que encontramos na elaboração do minicurso foi a delimitação dos assuntos. Ou seja, como o tema das vozes do discurso é muito abrangente, houve uma grande preocupação em priorizarmos os tópicos que estivessem relacionados à educação e, conseqüentemente, às Novas Leis de Diretrizes e Bases e às inovações sugeridas pelos PCN. Assim, foi de fundamental importância a elaboração de um plano de unidade no qual estivessem definidos os passos da realização do minicurso. É importante esclarecer, porém, que esse plano de unidade não tinha o objetivo de estabelecer regras que deveriam ser seguidas, afinal teríamos sempre que contar com os imprevistos e, além disso, nem os ministrantes nem os participantes eram robôs para serem "comandados" por um manual de instruções. Dessa forma, procuramos tornar nosso plano de unidade uma "bússola" que estaria sempre pronta para nos indicar o caminho.

Os principais objetivos trabalhados durante o minicurso foram (1) debater sobre o conceito de vozes sociais ; (2) discutir alguns aspectos da teoria bakhtiniana (plurilingüísmo, dialogismo e plurivocalidade); (3) identificar, através da leitura de vários gêneros textuais, a presença do discurso direto, indireto e indireto livre ; (4) discutir sobre a abordagem desses fenômenos nos livros didático de Língua Portuguesa à luz dos PCN. Para cada objetivo, foram elaboradas atividades que iam desde a montagem de quebra-cabeças até a criação de propagandas, focalizando diferentes gêneros textuais, tais como provérbios, artigos de opinião, letras de músicas, propagandas, entre outros. Ao partirmos do prático para o teórico, buscávamos reafirmar a concepção de um conhecimento co-construído, no qual o aluno não é um mero espectador, mas um ser atuante, capaz de contribuir ativamente no desenvolvimento do seu aprendizado. Nessa perspectiva, foi de fundamental importância, para a realização desse minicurso, a contribuição dada pela nossa professora de Prática de Ensino de Português, Angela Dionisio. Isso porque, quando as atividades começaram a ser elaboradas, a tendência de todas as equipes era realizar uma aula expositiva, na qual os participantes pouco, ou nada, falassem. Entretanto, a professora sempre deixou muito claro que não estávamos ali para "ensinar" aos professores como se dá uma boa aula de português. O objetivo dos minicursos, portanto, não era apresentar soluções, mas discutir/testar possibilidades. Afinal, segundo nos afirma Reinaldo (2001:2), a sala de aula não é o lugar da certeza, mas um espaço de busca do conhecimento.

3. Análise das atividades propostas

Após mais de três meses de preparação, chegou o dia da realização do evento. No dia que antecedia a realização do minicurso, passamos a tarde inteira preparando a sala que abrigaria os vinte participantes. A sala foi decorada com um “painel de textos” que continha a maioria dos textos que iríamos usar durante o minicurso.

No primeiro dia, procuramos apresentar alguns dos principais conceitos estabelecidos por Bakhtin, bem como estabelecer a diferença entre as diversas formas de interação entre discursos (intertextualidade, discurso reportado (discursos direto e indireto) e polifonia). Realizamos várias atividades que favoreceram a interação entre ministrantes e participantes e ajudaram na compreensão de algumas teorias. Em uma das atividades elaboradas para aquele dia, os participantes deveriam montar uma espécie de quebra-cabeça cujo resultado seria um provérbio popular. Os provérbios mais conhecidos eram facilmente postos em ordem pelos participantes. Porém, alguns dos provérbios escolhidos, por não serem muito conhecidos, proporcionaram algumas respostas interessantes e engraçadas. Vejamos um exemplo:

Análise da atividade 1

P.O “ Vão-se os gatos e passeiam os ratos”²

P. A. “Vão-se os ratos e os gatos passeiam”

Neste exemplo, a ordem do provérbio original (P. O.) foi invertida. Dessa forma, o participante criou um novo provérbio (P. A.). A “confusão” foi desfeita durante a correção da atividade quando os participantes perceberam que a ordem do provérbio havia sido alterada mudando, assim, o sentido do “dito popular”.

Após a realização dessa atividade, os participantes foram motivados, a partir da leitura dos “Provérbios do Planalto” de Jô Soares e da música “Bom Conselho” de Chico Buarque, a criar seus próprios provérbios. Vejamos alguns provérbios que foram elaborados durante a realização da atividade:

Análise da atividade 2

“Quem espera sempre alcança” (Provérbio original)

“Quem espera nunca alcança” (Provérbio do Planalto)

“Quem espera sempre cansa” (Provérbio do participante)

“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” (Provérbio original)

“Mais vale um pássaro na mão do que dois tucanos” (Provérbio do Planalto)

“Mais vale um namorado na mão do que dois voando” (Provérbio do participante)

² De acordo com esse provérbio, quando os “patrões” saem, os “empregados” setem-se à vontade para fazer bagunça.

³ Estamos adotando, aqui, a noção de texto defendida pelos Parâmetro Curriculares Nacionais. Segundo essa noção, “texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global” (PCNs, 1998: 21).

Essas atividades tinham o objetivo de mostrar que os diversos textos³ existentes, assim como os ditos populares, são o resultado de um constante diálogo com o discurso de outrem. Ou seja, “a produção de discursos não acontece no vazio /.../, pois os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros” (PCN, 1998: 21).

A última atividade proposta foi a leitura do artigo de opinião *Cristóvam, os carangueijos e o poder* de Tânia Barcelar de Araújo (ver anexo). Os participantes tiveram que observar a presença da “vozes” no gênero jornalístico.

No segundo dia do minicurso, foram realizadas algumas atividades que tinham o objetivo de promover a discussão sobre a presença da polifonia em propagandas, músicas e contos. A primeira atividade proposta para este dia foi a análise das músicas⁴ *Pra que mentir?*, de Vadico e Noel Rosa e *Dom de iludir*, de Caetano Veloso. Vejamos as letras dessas duas canções:

Análise da atividade 3

Pra que mentir?
(Vadico e Noel Rosa)
Pra que mentir
Se tu ainda não tens
Esse Dom de saber iludir
Pra quê? Pra que mentir
Se não há necessidade
De me trair?
Pra que mentir
Se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir, se eu sei
Que gostas de outro
Que te diz que não te quer?
Pra que mentir tanto assim
Se tu não sabes que eu sei
Que tu não gostas de mim?
Se tu não sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero

Dom de iludir
(Caetano Veloso)
Não me venha falar da malícia
de toda mulher,
Cada um sabe a dor e a delícia
de ser o que é.
Não me olhe como se a polícia
Andasse atrás de mim.
Cale a boca, e não cale na boca
Notícia ruim.
Você sabe explicar
Você sabe entender, tudo bem.
Você está, você é, você faz,
Você quer, você tem.
Você diz a verdade e a verdade
é seu dom de iludir.
Como se pode querer que a mu-
lher
Vá viver sem mentir.

⁴ As duas músicas foram retiradas do livro Platão & Fiorin. Lições de texto: leitura e redação. p. 53 (cf. bibliografia)

Nesta atividade, os participantes deveriam observar a relação de intertextualidade entre as duas músicas. Nessa perspectiva, a música de Caetano é, até certo ponto, uma resposta à “cobrança” que Vadico e Noel Rosa fazem na letra da música Pra que mentir?.

Outra atividade proposta para este dia foi a análise de algumas propagandas afixadas nas paredes da sala. Neste exercício, os participantes deveriam observar a forma como os anunciantes utilizam as vozes sociais nos textos publicitários. Vejamos um exemplo dessa atividade:

Análise da atividade 4



“Para arranjar marido, você não precisa saber cozinhar. Precisa saber comer” (Propaganda da Nutrilatina, publicada na revista Marie Claire, maio de 2000).

Nesta propaganda, encontramos a negação da voz social de alguns machistas para os quais toda mulher, para conseguir um casamento, tem que saber cozinhar. A propaganda, que tem o objetivo de vender uma sopa para regime (Sopa Lev), também utiliza-se do consenso atual de que as mulheres magras são mais bonitas e, por isso, tem mais facilidade em encontrar um parceiro.

Em uma outra atividade, os participantes refletiram sobre o Discurso Reportado (Discurso Direto e Discurso Indireto), a partir da comparação das propostas dos PCN com o que é apresentado nos livros didáticos de língua Portuguesa. Nesta atividade, pudemos perceber que muitos LD (livros didáticos) “tratam o Discurso Reportado no nível visual e formal” (Cunha, 2001: 106). Por isso, a maioria dos exercícios apresentaram enunciados do tipo “Transforme o discurso direto em indireto; use seu caderno”,

“Reescreva os textos abaixo empregando o discurso indireto”. Essa abordagem contradiz totalmente as propostas dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa, pois, de acordo com essas propostas, não se pode limitar o Discurso Reportado aos modelos gramaticais, uma vez que “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, aos quais geram usos sociais que os determinam” (PCN, 1998: 21).

A última atividade do minicurso consistiu na reprodução do filme *Branca com fome e os sete anões* (Turma da Mônica –Maurício de Souza). Neste filme, os participantes foram descobrindo os vários Contos de Fadas (Alice no país das maravilhas; Branca de Neve e os sete anões; A bela adormecida, entre outros) que serviram como intertexto para a história criada por Maurício de Souza.

4. Considerações Finais

A elaboração e aplicação do minicurso contribuiu para formação didático/pedagógica dos ministrantes e participantes, pois favoreceu discussões a respeito da relação professor/ aluno, bem como, proporcionou subsídios para regência de Prática de Ensino de Português 2, realizada durante o primeiro semestre de 2001. Além disso, esse minicurso favoreceu a união entre teoria e prática, proporcionando assim “uma reflexão crítica sobre o trabalho do professor, tendo em vista o desenvolvimento de uma atitude de pesquisa em relação a sua prática docente” (Reinaldo, 2001:2).

Quanto aos assuntos trabalhados, percebemos que muitos dos participantes, mesmo os que já tinham concluído a graduação, não tinham conhecimento de muitas das teorias sobre o discurso. Alguns, inclusive, não sabiam a diferença entre polifonia e intertextualidade. Nessa perspectiva, o minicurso foi de grande valia, pois ajudou a elucidar muitas dúvidas, contribuindo assim para a formação teórica de todos os envolvidos no evento. Ainda no que diz respeito a relação existente entre os diferentes discursos, pudemos constatar que a diversidade no modo de apreender o discurso de outrem contribui essencialmente para a compreensão e interpretação dos diferentes gêneros textuais. Portanto, é necessário que o professor de língua portuguesa do ensino fundamental e médio tenha subsídios para trabalhar assuntos como discurso direto e indireto dentro de uma perspectiva dialógica. Dessa forma, estaremos contribuindo para uma concepção de “linguagem enquanto fenômeno social de interação verbal” (Cunha, 2001: 112).

Os resultados obtidos revelam que atividades como as desenvolvidas neste minicurso são muito proveitosas para a formação profissional dos futuros professores de língua portuguesa, uma vez que contribuem para união entre teoria e prática, favorecendo, assim, a realização das práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUX, Jacqueline (1990). Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas (19): 25-42, julho/dezembro.1990.
- BAKHTIN, M. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo, Martins Fontes.

- _____. (1998). *Questões de estética e literatura*. 3.ed. São Paulo, UNESP/Hucitec
- CUNHA, D. A. (1992). Uma abordagem bakhtiniana do discurso reportado. *Investigações*. Recife, UFPE, vol. 2.
- CUNHA, D. A. (2000). A interação entre discursos na atividade falada e escrita. In: MARCUSCHI, L.A.; HOFFNAGEL, J.; CUNHA, D. A.; BARROS, K. (2000). *Fala e Escrita: características e usos IV*. Projeto de Pesquisa, (mimeo).
- _____. (2001). Atividades sobre os usos ou exercícios gramaticais? Uma análise do Discurso Reportado. In: DIONISIO, A. P. & BEZERRA, M. A. (orgs.). *O Livro Didático de Português*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna. pp. 101-112.
- KOCH, I. G. V. (1997). *O Texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto. p.50-57.
- MAINGUENEAU, Dominique (1997). *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3.ed. Campinas, Pontes / Editora da UNICAMP.
- MARCUSCHI, L.A. (2000). *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife. (mimeo).
- PLATÃO, F., FIORIN, J. L. (1998). *Lições de Texto: Leitura e Redação*. 3.ed. São Paulo, Ática.
- REINALDO, M. A. (2001). *Teoria e prática na formação do professor*. (mimeo)
- SECRETARIA DO ENSINO FUNDAMENTAL (1998). *Parâmetros curriculares da língua portuguesa: 3º e 4º ciclos*. Brasília, MEC.
- SOARES, M. (1990). *Português através dos textos, 7ª série*, 3.ed. São Paulo, Moderna.